CONFUCIONISMO E ÉTICA: UMA PRÁTICA INTEGRADA À VIDA

CONFUCIANISM AND ETHICS: AN INTEGRATED PRACTICE TO LIFE

Ana Soré Araújo Simões
Inalígia de Figueirêdo Gomes
Maria Lucia AbaurreGnerre
Universidade Federal da Paraíba

Resumo: O objetivo deste artigo é correlacionar os ensinamentos do filósofo chinês Confúcio, voltado para a moral e suas virtudes, assim como o pensamento do filósofo Emmanuel Levinas, direcionado para a ética radical devido a grande desumanização vigente na época. Objetiva ainda enfocar, o conceito de confucionismo que constitui um conjunto de pensamentos, regras e rituais sociais que eram praticados pelos chineses até a queda do regime imperial, em 1911. A metodologia utilizada será através de uma revisão literária referente ao assunto. Dessa forma pretendemos estudar os ensinamentos de Confúcio e a filosofia de Levinas, tecendo um olhar no viés de encontro dos dois pensadores.

Palavras-chave: Confúcio, Ética/Moral, Levinas.

Abstract: The aim of this paper is to correlate the teachings of Chinese philosopher Confucius, and focused on the moral virtues, and the thought of the philosopher Emmanuel Levinas, directed to the radical ethics due to the great dehumanizing prevailing at the time. It also aims at focusing on the concept of Confucianism which is a collection of thoughts, rules and social rituals that were practiced by the Chinese until the fall of the imperial regime in 1911. The methodology will be through a literature review on the subject. Thus we will study the teachings of Confucius and the philosophy of Levinas, weaving a look at bias against the two thinkers.

Keywords: Confucius, Ethics/Morality, Levinas.

Introdução

Este trabalho tem por finalidade abordar os ensinamentos de Confúcio, enfatizando a moral e suas virtudes, práticas integradas à vida da pessoa, um dos seus princípios básicos fundamentais. Neste ponto vamos trazer a visão da ética de Emmanuel Levinas (1906-1995), filósofo judeu de nacionalidade lituana, naturalizado francês em 1930, onde está inserida toda a subjetividade da responsabilidade, tema essencial para se atingir a condição humana.

Pouco se conhece a respeito da vida do filósofo chinês Confúcio. Acredita-se que nasceu por volta de 550 antes da era cristã (551-479 a. C.). Confúcio chamava-se Kung-Fu-Tzu que significa venerável mestre Kun (em chinês), viveu numa época de aguda crise cultural e política, onde se revelava um mundo inserido na violência e na barbárie (LEYS, S.2000) por esta razão dizia: “Para sobreviver numa época como a nossa, não basta ter a beleza do príncipe Zhao de Song. Necessita-se também da língua ágil do sacerdote Tuo”(Analectos, 6.16, pag.29). Pode-se dizer que há uma similaridade entre período de Confúcio na china antiga, marcado por guerras e pela

barbárie, e o período vivido por Levinas, em meados do século XX, época de elevado grau de violência, a qual cresceu à medida que a Europa pronunciou-se nas guerras, onde as atitudes tornam-se as mais desumanas possíveis. É nesse período que Levinas expõe seu pensamento centrado numa ética radical (COELHO, W. 2007).

Confúcio surge num momento em que o Taoísmo (e seu grande expoente, LaoTse)[i1] já existia, e o pensamento taoísta lhe imprimiu grande influência. O conceito de Tao, a busca do caminho, que garante o equilíbrio entre o céu e a terra se faz presente em diversos momentos de sua obra, como nesta passagem: "O mestre disse: De manhã escuta o caminho; à noite, morre contente".(Analectos, cap.4.8, pg.17).

Confúcio exerceu grande influência na cultura chinesa, tido como um idealizador, e consta que foi um dos primeiros professores profissionais da China. Veio de berço de ouro, ficando órfão aos 3 anos, e com isso muito cedo precisou trabalhar para vencer a condição que se encontrava de pobreza. Era um homem muito inteligente e desde cedo desenvolveu o poder de ensinar pessoas de todas as classes sociais e por isso ele dizia: "Armazenar conhecimento em silêncio, permanecer para sempre faminto de aprendizagem, ensinar os outros sem se cansar – tudo isso é natural para mim". (Analectos. Cap.7.2, Pg.33). Fundou uma escola aos 30 anos como forma de por em prática seus ensinamentos, pois para ele o aprender é uma experiência que se pratica com os outros, e a aprendizagem e educação precisam caminhar sempre juntas para que possam estar unidas junto às experiências de vida. Esse ensinar era apoiado em diversas obras, que eram clássicos da literatura chinesa sendo o livro dos versos (Shijing – coletânea poética), o livro da história (Shujjing – editos reais), o livro das mutações (I Ching – adivinhação da evolução cósmica e social pelo método octograma) e outras obras importantes que representavam a base do pensamento chinês. Há uma passagem dos analectos em que Confúcio narra sua própria trajetória:

> "Aos quinze anos, orientei minha mente para aprender. Aos trinta, plantei meus pés firmemente no chão. Aos quarenta, não tinha mais dúvida. Aos cinquenta, conhecia a vontade dos céus. Aos sessenta, meu ouvido estava sintonizado. Aos setenta, sigo todos os desejos do meu coração sem transgredir nenhuma regra." (Analectos, cap. 2.4, pg. 7. 2004).

Confúcio e o Nascer do Confucionismo

Confúcio, na verdade, foi um reformador, morreu sem saber o que suas idéias representariam para a China, mas elas foram de tal importância que se pode dizer:uma espécie de religião estatal praticada pelos chineses elitistas chegando algumas vezes a atacar outras religiões. Certa vez perguntaram a um dos seus discípulos que tipo de homem era Confúcio, e o discípulo não soube responder e ao falar para o mestre, eis que respondeu:

> "Confúcio é um homem arrebatado por tamanha paixão que, em seu entusiasmo, ele frequentemente se esquece de comer e permanece inconsciente do início da velhice". O mestre evitava absolutamente quatro coisas: extravagância, dogmatismo,

[1]LaoTsé, ou Laozi viveu na China por volta do séc. VI A.C. É considerado o autor do livro Tao Te Ching(Ou Dao De Jing, escrito há mais de 2600 anos). Esta obra é considerada o principal texto do Taoísmo, onde o mestre se propõe a ensinar sem palavras e agir sem atividade. Foi contemporâneo de Confúcio, Pitágoras e Buda.

teimosia e presunção **(**Analectos, cap.9.4, p. 43**).**

O mestre escolheu o entusiasmo como forma de definir seu caráter e isto foi sempre confirmado em outras colocações do livro Analectos (ou Lunyu ou discursos), que consiste numa série de afirmações descontínuas, breves diálogos e anedotas, compilados por seus discípulos fiéis, sobre os seus ensinamentos após sua morte. Livro este, que exerceu o maior alicerce espiritual da mais antiga e populosa civilização viva da terra, servindo de inspiração aos chineses e a todos os povos da Ásia Oriental com sua afirmação de uma ética humanista e da fraternidade universal do homem (LEYS, S.2000). Além dos Analectos, seus seguidores fizeram uma compilação dos seus ensinamentos, que estão divididos em mais três livros consagrados e que registram as lições do mestre Confúcio: TaHsuech ou A Educação Superior; ChungYung ou A Doutrina do Equilíbrio e o MengTzu ou Mencius.

Segundo Gaarder (2001, p.86) o termo confucionismo abrange uma série de idéias filosóficas e políticas que formavam os pilares do governo e da burocracia da China imperial, muito embora a ética confucionista também permeasse amplas camadas da população chinesa. O que se destaca na doutrina de Confúcio é a importância dada à ética dos relacionamentos humanos, o interesse pelas questões sociais reais, exemplificado no papel do indivíduo na sociedade e as regras básicas de conduta, levando com isso a demonstrar que seu interesse por essas questões eram maiores do que pelas questões religiosas e da metafísica, como descreve nesse trecho: "Um homem sem humanidade não poderia viver por muito tempo na adversidade nem poderia conhecer a alegria por muito tempo. Um homem bom apóia-se em sua humanidade, um homem sábio beneficia-se de sua humanidade**"** (Analectos, cap.4. 2, p.16).

Confúcio acreditava que a base de uma educação formadora de pessoas de bem, devia começar na família com a demonstração de respeito pelos mais velhos, o que é demonstrado quando ele disse: "Em casa, um jovem deve respeitar os mais velhos. Deve falar pouco, mas de boa-fé; amar todas as pessoas, mas associar-se aos virtuosos. Tendo feito isso, se ainda tiver energia disponível, que estude literatura"(Analectos, cap.1.6, p.4).

Além da Educação, a grande preocupação de Confúcio era com a política, por esta ser uma extensão da ética, podemos perceber isso quando ele afirma: "Sobre Taibo, pode-se dizer que seu poder moral era supremo. Três vezes ele renunciou ao domínio sobre o mundo inteiro, sem dar ao povo oportunidade de louvá-lo" (Analectos, cap.8.1, p. 39).

Igualmente, acreditava na educação como processo relacionado ao ser humano no sentido de que objetivos e comportamentos são moldados e realizados dentro da estrutura familiar, não havendo sentido de recompensa em vida posterior a morte. Aí entra o conceito de aprender, ou seja, a formação do indivíduo; através da autodisciplina, ele chega ao conhecimento e à prática da virtude, descobre sua autêntica natureza. Isso fica presente nessa afirmação de generosidade pertencente a Confúcio: "Nunca neguei meus ensinamentos a quem quer que os buscasse, mesmo que fosse alguém pobre demais para oferecer mais do que um presente simbólico por sua instrução" (Analectos,cap.7.7,p.33).

Confúcio dedicou muita atenção à educação, porém nunca considerou o ensino sua primeira e real inclinação apesar de sempre afirmar que: "Aprender é

como uma perseguição na qual, quando não consegues alcançar a meta, temes perder o que já ganhastes".(Analectos, cap. 8.17, Pg. 42).

Sua verdadeira vocação era a política, possuía uma fé mística em sua missão política. Essa fé era tanta, que afirmou que o governo e a administração do estado deveriam ser exclusivamente confiados a uma elite moral e intelectual de cavalheiros, Confúcio estabeleceu um vínculo permanente e decisivo entre educação e poder político, ou seja, só através da educação que se chegaria a alguma forma de poder e com essa visão preparava seus discípulos para serem homens de valor e dizia: "Quando vires um homem de valor procura equiparar-te a ele. Quando vires um homem sem valor, examina a ti mesmo." (Analectos, cap.4.17, Pg. 18). A educação confuciana estava aberta para todos, sem exceção, ricos e pobres, nobres e plebeus. Acreditava que a realização intelectual era apenas um meio para o autodesenvolvimento ético. O importante não era a pessoa acumular informações técnicas e habilidades especializadas, mas desenvolver sua própria humanidade. Educação não se refere a ter, mas, a ser.

A Relação entre Humanose a Relação de Respeito e Responsabilidade

A sabedoria do homem nasce do sentimento de onde deriva a gênese do conhecimento e da prática moral (APARECIDA, 2004). Pois moralidade na filosofia Confucionista é despertada pela realização dos ritos tradicionais que garantem a disciplina e a harmonia social, devendo ser a família o ambiente gerador do exemplo moral que se expande para a sociedade. Podemos perceber a importância dos ritos nesta passagem dos Analectos (cap.6.27, p.30), quando o Mestre diz: "Um cavalheiro amplia sua aprendizagem por meio da literatura e se refreia pelo ritual; por isso, é improvável que cometa erros".Enfatizamosaquium conceito básico, *junzi*, o homem de bem, onde a aprendizagem do agir com autenticidade se desenvolve no seio da família, como podemos observar neste pensamento de Confúcio:

> "Ao servires teus pais, podes gentilmente discordar deles. Se perceberes que eles não aceitaram teu conselho, continua sendo respeitoso e não os contradigas. Não permitas que teus esforços se transformem em amargura" (Analectos,cap.4.18, p.18).

Mêncio, seguidor do Confucionismo acreditava também que a moralidade é natural uma vez que a compaixão a vergonha, o discernimento entre o certo e o errado e a cortesia que nos predispõe a virtude, são próprias do ser humano. Aqui podemos enfatizar outro conceitoconfucionista, a "qualidade" humana, o senso do humano (*Ren*), uma virtude fundamental, cujo extenso significado compreende tudo o que torna o homem verdadeiramente bom. Como diz Confúcio: "Um homem sobrevive graças à sua integridade. Se ele sobrevive sem isso é pura sorte"(Analectos, cap.6.19, p.29).

Trazendo um pouco do pensamento de Levinas, grande filósofo da ética do século passado, que foi fortemente influenciado pelo livro sagrado dos judeus, "Bíblia" e o Talmud, como também pela literatura Russa, permeada por inquietações, que fazem parte do sentido mais profundo da vida humana. Recebe também influências do filósofo alemão Franz Rosenweig, para o qual, a paz é a própria ética, sendo o essencial para uma relação autenticamente humana. Houve também significativos encontros literários

com Husserl e Heidegger, levando-o a abrir-se às novas possibilidades de pensamento, onde adota a fenomenologia para trabalhar a sua ética (COELHO. 2007). "A fenomenologia como nenhuma filosofia retoma e aprofunda o papel da subjetividade humana, da auto-reflexão, da dinâmica da consciência e identidade com rigor e sutileza sui generis" (PELIZZOLI. 2002 p. 35).

Para melhor entendimento do trabalho, se faz necessário definir melhor ética e moral. A palavra ética vem do grego *ethos*, originalmente tinha o sentido de "morada", "lugar em que se vive" e posteriormente significou "caráter", "modo de ser" que se vai adquirindo durante a vida. O termo moral procede do latim *mores* que originariamente significava "costume" e em seguida passou a significar "modo de ser", "caráter".

Não obstante, no contexto acadêmico, o termo "ética" refere-se à filosofia moral, isto é, ao saber que reflete sobre a dimensão da ação humana, enquanto que "moral" denota os diferentes códigos morais concretos. A moral responde à pergunta "O que devemos fazer?" e a ética, "Por que devemos"? Ética é daquelas coisas que todo mundo sabe o que é, mas que não são fáceis de explicar quando alguém pergunta. (VALLS, 1996)

Para Levinas é na ética entendida como responsabilidade (que é um princípio ético bastante antigo, que leva o sujeito a responder totalmente pelos seus atos e assumi-los), que se dá o próprio nó do subjetivo. A proposta de Levinas é de construção de uma responsabilidade como fundamento da relação Eu-Outro. Não existindo ética quando não se respeita O Outro, quando se considera apenas o indivíduo. "É assim que chego a afirmar que a responsabilidade constitui o humano, no homem, constitui a subjetividade como relação ao outro – relação de alteridade (típica modalidade do outro de ser totalmente outro) – e não como relação de identidade em que o Eu se refere a si mesmo" (PIVATTO.apud COELHO,2007,p.36).

Podemos perceber que esta responsabilidade trazida por Levinas, é a própria vida do humano, é o que rege a vida desempenhando um forte papel no humanismo do Outro homem, sendo assim sua essência, antecedendo o próprio ato da consciência e da liberdade. Nesta passagem dos Analectos (cap.12. 2, p.62**),** RanYong perguntou sobre humanidade. O Mestre disse:

> "Quando estiveres fora de casa, comporta-te como se estivesses diante de um importante convidado. Conduz o povo como se estivesses realizando uma grande cerimônia. Aquilo que não desejas para ti mesmo não imponha aos outros. Não permitas que o ressentimento se imiscua nos assuntos públicos; não permitas que o ressentimento se imiscua nos assuntos privados."

Essa passagem reflete bem a preocupação de Confúcio com o outro, a responsabilidade sempre presente no inter-relacionamento. Isso pode ser bem entendido quando Levinas afirma que: "Ninguém pode permanecer em si: a humanidade do homem, a subjetividade é uma responsabilidade pelos outros, uma vulnerabilidade extrema. O retorno a si faz-se desvio interminável. Bem antes da consciência e da escolha – antes que a criatura se reúna em presente representação para se fazer essência – o homem aproxima-se do homem. Ele é tecido de responsabilidade. Por elas lacera ele a essência" (LEVINAS,2005,p.124).

Podemos entender que a partir do cuidado o homem é conduzido para sua essência. Como afirma Coelho (2007), a

responsabilidade para Levinas não é apenas um princípio ético, adquirida a partir de uma racionalidade e incorporada à moral, ao dia-a-dia. Não se trata de uma responsabilidade que em primeiro lugar dita o modo como se fala como se faz. É outra responsabilidade que instala uma consciência moral desarvorada, que se volta para o Outro, não mais preocupada apenas com o seu Eu.

Confúcio quando diz: "Coloca teu coração no Caminho; confia no poder moral; persegue a bondade; desfruta das artes" (Analectos, cap.7.6, p.32), está revelando sua grande confiança na responsabilidade primeira, que é a essência da ética, segundo Levinas. Para ele a responsabilidade não é um princípio ético apenas, mas tornam-se fundamentos de princípios éticos, pois sem responsabilidade não existe verdade, liberdade, amor, não existe relação com o Outro (COELHO, 2007).

Considerações Finais

Finalizando a revisão literária que foi o objetivo deste artigo, observamos que embora os dois filósofos vivessem em épocas muito distantes, suas experiências e ideias convergiam principalmente, no que tange o alto grau de violência que cada um enfrentou, sendo este, incentivo para os seus posicionamentos perante a sociedade. Confúcio enquanto mestre ensinava os valores que deveriam começar sendo praticados dentro do seio da família, desenvolvendo respeito, moral e as virtudes como princípios básicos para o processo de crescimento do ser humano, entrava pela política que dizia ser uma extensão da ética, fonte de seu interesse maior e onde até hoje seus ensinamentos são usados como se tivessem sido escritos nos dias atuais. O pensamento de Levinasmostra-se em sintoniacom o pensamento do mestre chinês ao mostrar, também, uma ética baseada em princípios do humano, o respeito pelo outro, em que a essência do seu pensamento é colocado como subjetividade da responsabilidade condição *si ne qua non* para se atingir o humano.

Por fim, podemos nos perguntar: Será que a experiência comum da violência está ligada à grande preocupação com a ÉTICA? A análise do pensamento destes dois autores parece responder de forma afirmativa a esta indagação.

Referências

APARECIDA M, A. **Ética, moralidade e educação ambiental**. *INCI*, mar. 2004, vol.29, no. 3, p.153-157. ISSN 0378-1844.

COELHO, W.O. A Responsabilidade a partir de Emmanuel Levinas: dimensão de concretude ética para nosso contexto. Dissertação de Mestrado, UFPE, 2007.

FIGUEIREDO. A M. **Ética: origens e distinção da moral**. Ethics: Origens and the moral distinction. Saúde, Ética & Justiça. 2008; 13 (1):1-9. .

GAARDER, J; HELLERN, V; NOTAKER, H. **O Livro das Religiões**. Ed. Companhia das letras, 2001.

LEVINAS, E. **Ética e infinito: diálogos com Philipe Nemo**. Ed. edições 70, Lisboa – Portugal, 1982.

Os Analectos/Confúcio; tradução para o inglês, apresentação e notas de Simonleys; Tradução Claudia Berliner. – São Paulo: Martins Fontes, 2000. – (clássicos)

Tao Te Ching/Lao-Tse; tradução e notas de Humberto Rodhen. 19ª edição – São Paulo: Martin Claret.

VALLS, A. L. M**. O que é ética**. 8ª. São Paulo: Brasiliense; 1996.

Sobre os autores

Ana Soré Araújo Simões: [1] Psicóloga e Psicoterapeuta. Especialista em crianças e adolescente; Mestranda em Ciências das Religiões – UFPB. E-mail: ana.sore@hotmail.com

Inalígia de Figueirêdo Gomes: Psicóloga e Psicoterapeuta individual,adolescente/adulto; Especialista em gestalt-terapia de grupo; Mestranda em Ciências das Religiões – UFPB. E-mail: inanafg@hotmail.com

Maria Lucia AbaurreGnerre: Doutora em História, professora adjunta do departamento de Ciências das Religiões da Universidade Federal da paraíba. E-mail: marialucia.ufpb@gmail.com